



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**HAGIOGRAFIAS DE SANTAS NA LEGENDA ÁUREA: ESTUDO
SOBRE MODELOS DE COMPORTAMENTO FEMININO NO
MEDIEVO (SÉC. XIII)**

MAYRA SANTOS SANTANA

SÃO CRISTÓVÃO/SE
2016

**HAGIOGRAFIAS DE SANTAS NA LEGENDA ÁUREA: ESTUDO
SOBRE MODELOS DE COMPORTAMENTO FEMININO NO
MEDIEVO (SÉC. XIII)**

MAYRA SANTOS SANTANA

**Monografia de conclusão de
Curso apresentada ao
Departamento de História da
Universidade Federal de
Sergipe para a obtenção do
título de licenciado em
História**

**Orientador: Prof. Dr. Bruno
Gonçalves Alvaro**

**SÃO CRISTÓVÃO/ SE
2016**

Ao meu querido avô,
Manoel.

AGRADECIMENTOS

Os obstáculos da vida podem se tornar mais amenos quando podemos contar com o apoio e carinho das pessoas que contribuem com nosso crescimento. Por isso, sinto necessidade de demonstrar à elas minha gratidão nesse momento.

Em primeiro lugar, à minha mãe, Marlene Santos, pela dedicação, amor e investimento em minha educação.

À minha querida avó (in memorian), Josefa Maria, por todo afeto e ensinamentos que jamais esquecerei.

Ao meu tio Samuel Santana (in memorian), por sempre ter acreditado em mim e por aquelas longínquas tardes que passávamos planejando minha formatura. Tio, conseguimos!

A José Bomfim, por ser o melhor “paidrasto” que eu pude ter.

À minha irmã, Kayte Mayane, pelo companheirismo.

A Saulo Barbosa, pelo amor e cuidado.

À Glória Getirana, pelo apoio e ternura desde o começo da graduação.

Ao meu orientador, prof. Dr. Bruno Alvaro, pela paciência nas horas em que cheguei cheia de indagações, pela confiança depositada neste trabalho e os livros emprestados.

À Leide Silva, pela cumplicidade de sempre.

À Dulce Elizabeth e equipe do ARQUIFS, pelo aprendizado e alegrias proporcionadas. À Oficina de Análise de Fontes Históricas do prof. Dr. Francisco José Alves, onde percebi o quanto é árduo e, ao mesmo tempo, gratificante auscultar os testemunhos de época.

Ao PIBID-História, à sua coordenadora, prof. Dra. Edna Maria Mattos, e aos colegas do programa, em especial a Felipe Trindade e Josicarla Machado.

Aos meus indispensáveis amigos que o cultivam a reciprocidade do bem-querer, os quais não citarei para não correr o risco da omissão.

Imensa gratidão a todos com quem pude aprender e/ou ensinar algo e aos que me estimam e alegram-se com a minha felicidade!

“Monges ou prelados seculares, têm a obrigação de pensar a humanidade, a sociedade e a Igreja, de as orientar no plano da salvação, de atribuir também às mulheres o seu lugar nesta divina economia. Os segundo devem ir ainda mais além, conceber uma pastoral que indique a todas as ovelhas a via de uma possível perfeição, ou pelo menos de um constante aperfeiçoamento.”

(Jacques Dalarun)

RESUMO

Esta monografia estuda os modelos de comportamento feminino no Medievo (séc. XIII). Para isso, selecionamos quatro hagiografias de santas da Legenda Áurea: Santa Inês, Santa Eufêmia, Santa Maria Egípcíaca e Santa Tais. Metodologicamente, utilizamos a História comparada: separamos as hagiografias escolhidas em duas duplas, ao passo que examinamos na primeira perfis de comportamentos idealizados pela Igreja e, na segunda, características de contra modelos comportamentais femininos. Alicerçados nos debates das francesas Simone de Beauvoir (1970), Danielle Juteau (2009) e Nicole-Claude Mathieu (2009), nosso exame ocorreu à luz das relações de gênero, que concebemos como uma construção sócio histórica, que se legitima nas tradições consuetudinárias e com a institucionalização dos códigos de condutas, onde os papéis sociais dos indivíduos são definidos. Com o exame das fontes, chegamos às seguintes conclusões: a) a Igreja instituiu perfis de modelos comportamentais a serem imitados pelas mulheres através das hagiografias de santas; b) as vidas de Santa Maria Egípcíaca e Santa Taís como contra modelos do comportamento feminino. Essas constatações evidenciam que o masculino exercia poderio majoritário na Idade Média e, por isso, entendemos que as hagiografias de santas estão imbuídas nas as relações de gêneros à medida que serviam de instrumentos para ratificar a instituição dos modelos comportamentais das mulheres.

Palavras-chaves: Hagiografias de Santas; Modelos de comportamento feminino no Medievo e Relações de Gênero.

SUMÁRIO

<u>Introdução</u> -----	9
<u>Capítulo I- As Hagiografias de Santas na Legenda Áurea: uma fonte para a história das relações de gênero no Medievo</u> -----	13
1.1 Gênero Textual-----	13
1.2 Autor e Obra-----	16
1.3 Santa Inês, Santa Eufêmia, Santa Maria Egipcíaca e Santa Taís: modelos e contra modelos para o comportamento feminino-----	18
1.3.1 Santa Inês-----	19
1.3.2 Santa Eufêmia-----	20
1.3.3 Santa Maria Egipcíaca-----	21
1.3.4 Santa Taís-----	21
1.4 Conclusões parciais do capítulo-----	22
<u>Capítulo II- Análise dos modelos morais femininos no Medievo a partir da Legenda Áurea</u> -----	24
2.1 Modelos e contra modelos de comportamentos morais femininos na Legenda Áurea-----	24
2.2 Modelos de comportamento feminino no Medievo: Santa Inês e Santa Eufêmia-----	25
2.2.1 Castidade/Virgindade-----	26
2.2.2 Devoção e júbilo pelo martírio-----	28
2.3 Contra modelos do comportamento feminino no Medievo: Santa Maria Egipcíaca e Santa Taís-----	31
2.3.1 Prostituição-----	31
2.3.2 Arrependimento como ponte para a santidade-----	33

2.3.3 Penitência através do claustro-----	35
2.4 Considerações parciais do capítulo-----	36
<u>Capítulo III: Conclusão de Conjunto</u> -----	39
Referências-----	43
Anexos-----	46

INTRODUÇÃO

“Tudo o que os homens escreveram sobre as mulheres deve ser suspeito, pois eles são, a um tempo, juiz e parte.”
(Poulain de la Barre)

A historiografia em geral considera que a sociedade medieval era sustentada por três estamentos: os clérigos (oratores), a nobreza (bellatores) e os camponeses (laboratores). Essa divisão socioeconômica era legitimada pelo discurso religioso da providência divina e determinava a vida dos indivíduos nela inseridos, assim como o lugar que cada um ocupa desde o nascimento (DUBY, 1994).

As mulheres também estavam inseridas nessa divisão social. Geralmente elas viviam sob custódia dos homens: eram educadas para serem boas esposas e mães prendadas nos afazeres domésticos.

É certo que a História, bem como as demais Ciências Humanas, não possuem compromisso com uma unanimidade historiográfica, ao passo que certa imparcialidade deve ser praticada em relação aos seus objetos de estudos.

Desse modo, consideramos o debate historiográfico ainda incompleto e que não deve ser pautado a partir de uma História Universal, avessa às constantes descobertas e teorias que as Ciências Humanas propõem à medida que seus diversos campos são transversalizados.

Organizado por Peter Burke (1992), *A escrita da História: novas perspectivas* tematiza a importância de novas abordagens historiográficas. A obra mostra que novas perspectivas são, de fato, indispensáveis para compor e expandir os diversos ramos norteados pela historiografia.

Nessa mesma obra, o texto *História das mulheres*, escrito por Joan Scott, discute como a história das mulheres pode 'incomodar' os estudos tradicionais, que privilegiam os grandes feitos masculinos:

A história das mulheres, sugerindo que ela faz uma modificação da "história", investiga o modo como o significado daquele termo geral foi estabelecido. Questiona a prioridade relativa dada a "história do homem", em oposição à "história da mulher", expondo a hierarquia implícita em muitos relatos históricos (SCOTT, 1992, p.78).

No entanto, para não cometer o pecado contrário – de privilegiar os feitos femininos –, analisaremos a importância tanto dos homens quanto das mulheres sob a lente do contexto sócio histórico. Posto que não tratará da escolha de um assunto em preterimento do outro. Isto é, não visa enaltecer a História das Mulheres e nem tampouco denegrir a História Universal centrada no masculino.

Rejeitaremos as abordagens determinantes e essencialistas que hierarquizam os indivíduos a partir de suas características sexuais biológicas. Pois, essa ênfase limita os homens e mulheres aos seus aspectos puramente biológicos e delega ao homem um patamar superior e androcêntrico (JUTEAU, 2009, p.95).

Na obra *O segundo sexo* (1970), Simone de Beauvoir defende que o protagonismo do sexo masculino não advém do fator biológico. Mas surge um momento histórico da humanidade, onde se concebe a mulher como alteridade, e não como parte do todo: "ela é o Outro dentro de uma totalidade cujos dois termos são necessários um ao outro...Os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições" (p.14). Essa diferença entre os gêneros é socialmente construída.

Por sua vez, a antropóloga e socióloga francesa Nicole-Claude-Mathieu (2009), define sexo e gênero respectivamente como: diferenciação biológica e diferenciação social. Ou seja, o sexo limita-se à condição biológica, enquanto que os gêneros (masculino e feminino) são construídos social e culturalmente, tornando-se, portanto, relativos e atrelados às respectivas sociedades dos indivíduos.

Com base nisso, esta monografia propõe estudar os modelos de comportamento feminino estabelecido pela Igreja no Medievo. Assim, busca compreender as relações de gêneros e suas contribuições no âmbito social da Idade Média. Para isso, esse estudo tomará como base quatro hagiografias de santas retiradas da Legenda Áurea, do dominicano Jacopo de Varazze.

Serão examinados textos sobre as vidas de Santas Inês, Santa Eufêmia, Santa Maria Egípcíaca e Santa Taís. Através deles examinaremos tanto alguns aspectos difundidos pelo Clero como exemplares e imitáveis quanto elementos destoantes dos perfis comportamentais idealizados pela Igreja. Em suma, modelos e contra modelos.

Para isso, utilizaremos a metodologia da História Comparada. Essa abordagem é proveniente do século XX e, segundo Kocka (2003), proporciona aos estudos históricos um melhor teor heurístico, paradigmático e descritivo, no esclarecimento dos perfis de casos singulares, frequentemente de apenas um único caso, ao contrastá-lo com outros.

Desse modo, intencionamos empregar tal método à medida que analisarmos, em pares, os aspectos comportamentais semelhantes e dissonantes nas hagiografias das santas já mencionadas.

Além disso, desenvolvemos nosso estudo da seguinte forma: dividimos e comparamos as hagiografias selecionadas em duas duplas, de modo que na primeira exploramos alguns

atributos idealizados pela Igreja como comportamentos femininos exemplares. Na segunda dupla, examinamos características entendidas como condenáveis no comportamento feminino, ou seja, contra modelos comportamentais.

Assim, tivemos como objetivo geral nesta pesquisa, estudar os modelos e contra modelos de comportamento feminino nas hagiografias de santas medievais no século XIII. Quanto aos objetivos específicos, são eles:

1. Listar os comportamentos tomados como modelos e antimodelos para as mulheres presentes nas hagiografias das santas medievais;
2. Identificar, através desses modelos, os papéis sociais atribuídos ao gênero feminino na sociedade medieval.

Visamos responder às respectivas indagações: De que forma os papéis sociais eram legados às mulheres? Quais implicações de tais comportamentos instituídos nas relações de gênero no medievo? Quais os critérios utilizados pela Igreja Medieval para discernir os comportamentos a serem imitados ou condenados?

Finalmente, para tais perguntas, temos as seguintes hipóteses argumentativas: a) no exercício de seu controle normativo, a Igreja instituiu perfis de modelos comportamentais a serem imitados pelas mulheres através das hagiografias de santas; b) para tanto, os sermões eram utilizados como uma ferramenta de manejo dos fiéis, onde algumas nuances da vida das santas podiam ser destacadas ou não, a depender do que se pretendia difundir; c) ao contrário das hagiografias de Santa Inês e Eufêmia, podemos apresentar as vidas de Santa Maria Egípcíaca e Santa Taís como contra modelos do comportamento feminino.

CAPÍTULO I

AS HAGIOGRAFIAS DE SANTAS NA LEGENDA ÁUREA: UMA FONTE PARA A HISTÓRIA DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NO MEDIEVO

1.1. Gênero textual

De acordo com a etimologia, hagiografia é uma palavra grega: *hagios* = santo; *graphía* = escrever. Assim, trata-se de um gênero textual no qual se aborda a vida dos santos. Mas é uma escrita direcionada, com o intuito de enaltecer seu objeto, afim de torná-lo venerável (SILVA, 2008, p. 07). Para tanto, são destacados suas principais qualidades e feitos, como a devoção, caridade, castidade, milagres e martírios pelos quais tenham passado.

Segundo a Enciclopédia Católica, a hagiografia é um ramo da História da Igreja que estuda a vida e o culto dos santos.¹ Porém, a nomenclatura hagiografia como termo correspondente aos textos sobre a vida dos santos ocorre somente a partir do séc. XVII.

Para compreender a importância desse gênero textual, é necessário enfatizar que o culto e adoração dos santos originam-se na Antiguidade Tardia. Contudo, foi a partir da Alta Idade Média (séc. V-X) que essa prática se instituiu, através da Igreja, como um dos fundamentos da fé cristã, quando se outorga a esses indivíduos o poder de intercessão. Isto é, concebê-los como mediadores entre os fiéis e o divino.

Outro elemento sacralizado foram as relíquias. Consideravam-se relíquias desde os restos mortais dos santos até objetos tocados ou que lhes pertenceram. A estes, atribuíam-se

¹ Catholic Encyclopedia, Vol. 7, (pg. 131-132)

verdadeiros poderes taumaturgos, fontes de curas e milagres. Pelos quais os fiéis peregrinavam em busca de ao menos tocá-los.

Obviamente, os fiéis não eram os únicos embevecidos com as possíveis miraculosidades desses objetos tão especiais. Os bispos também buscavam essas relíquias e principalmente os corpos dos santos para que fossem enterrados em suas igrejas. Houve casos de santos exumados e até trasladados afim de obterem reconhecimento e importância perante aos demais bispados, uma vez que o prestígio das dioceses passou a ser diretamente proporcional ao santo protetor (patronus) que elas possuíam (BASCHET, 2006, p. 63).

A disseminação dos poderes das relíquias só aumentava e, como resultado, criaram-se verdadeiras rotas de peregrinações. Nelas, os sepulcros dos santos mais famosos eram visitados por peregrinos com intuito de obterem benefícios de seus poderes taumaturgos, tão disseminados pela Igreja.

É inconcebível falar da Idade Média sem atrelá-la à sua espiritualidade cristã. Esta foi instituída desde a Alta Idade Média (séc. V-X) e desde então concebemos a Idade Média como genuinamente uma sociedade Cristã (VAUCHEZ, 1995).

A espiritualidade cristã erigia-se veementemente sobre qualquer outra possibilidade de fé que não fosse ela. Assim, impregnava cada âmbito da sociedade feudal e direcionava os atos, vontades e intenções dos indivíduos.

Como senhora feudal que foi, a Igreja não só controlava a fé, mas todas as demais instâncias, materializada em sua soberania e jurisdição em todos os aspectos daquela civilização. Em contrapartida, os seus dogmas não eram inicialmente difundidos de forma tão eficaz. Tendo em vista que ela dava mais enfoque às suas liturgias e no desenvolvimento dos

sacramentos, o que denota sua maior preocupação com a forma externa do que uma interiorização da fé (VAUCHEZ, 1995 p.118).

Além disso, a língua na qual estavam escritos os textos sagrados era o latim, que era dominado por uma quantidade ínfima de pessoas. De modo que a minoria de indivíduos com grande fluência em latim era constituída pelo alto escalão do clero. Assim, é notório que nesta época não havia a preocupação por parte da Igreja de que os leigos fossem alfabetizados ou tão pouco que eles entendessem a missa em latim.

Mas, esse quadro de delimitação dos saberes de pouco a pouco foi se modificando. Pois, a partir do século XIII, por volta de 1200, nasce uma instituição que verdadeiramente mudaria a abrangência e enfoque dos saberes e sua disseminação: as universidades (LE GOFF, 2003). Essas, mesmo atreladas à Igreja, foram instituições que souberam construir sua autonomia ao longo do tempo. Uma vez que as universidades conduziram para a difusão do conhecimento, desde o teológico ao aristotélico, além do desenvolvimento de outras disciplinas e métodos (VERGER, 1999, p. 81-103).

As ordens mendicantes também contribuíram para essa “laicização dos saberes”, principalmente a dos dominicanos. Esses, na época, viviam no mundo secular e tentavam combater as ideias heréticas, fosse através da inquisição ou pela pregação, maneira bem mais eficaz na conquista de seus fiéis.

Os dominicanos perceberam a importância da participação dos leigos na Igreja. Notabilizando que, para obter a fidelidade cristã dos leigos e o respeito por seus dogmas, era imprescindível que eles fizessem parte ou pudessem entender do que se tratava. Para, desse modo, seguir os ditames impostos pela Igreja. Dessa maneira, o canal de ligação a ser criado teria que ser claro e imperativo o suficiente para garantir obediência.

Para tal, as hagiografias foram um dos canais de comunicação entre os clérigos e os leigos. Elas não eram meras histórias de indivíduos, mas uma escrita sobre a vida de seres divinais e imaculados de qualquer pecado, mesmo tendo vivido sob a maioria dos sentimentos inerentes à condição humana.

Evidentemente, tal abordagem se contrapõe à exclusão seletiva dos saberes imposta desde a Alta Idade Média pelos *litteratus*, que basicamente se constituía pelo clero. Agora não só os leigos podiam entender como também aderir aos dogmas.

Dentro deste contexto social, Almeida (2014) afirma que as hagiografias representam uma articulação entre a cultura folclórica e a erudita, correspondendo, respectivamente aos leigos e aos clérigos. Tendo em vista que as biografias dos santos eram obtidos a partir dos contos e relatos dos populares que, por sua vez, eram selecionados, compilados pelo clero e publicados em latim.

Podemos considerar também que este gênero contribuiu bastante no que concerne à preservação e salvaguarda da memória desses indivíduos veneráveis, que foram perpetuados principalmente através da utilização de suas vidas como modelos incólumes a serem seguidos e cultuados.

Tais modelos comportamentais também foram perpetuados na obra *Legenda Áurea*. Esta é composta por compilações de hagiografias oriundas dos primeiros anos da institucionalização do cristianismo e, praticamente, reescritas com ares medievais do século XIII. A obra foi redigida aproximadamente em 1260 d.C., pelo frei dominicano Jacopo de Varazze. Na época, a obra obteve repercussão e venda tal qual à Bíblia.

1.2. Autor e obra

Jacopo (1226-1298) nasceu na cidade de Varazze, próximo a Gênova. Em 1267 até

1287, tornou-se líder da Ordem Dominicana na província da Lombardia e foi beatificado em 1816 pelo papa Pio VII.

No que concerne à Legenda Áurea, ela está sustentada em quatro partes, de acordo com as liturgias da Igreja, transcorrendo de acordo com a vida de Cristo na Terra, a saber: Renovação, Reconciliação, Desvio e Peregrinação. Tais compilações foram obtidas a partir de fontes eruditas, textos apócrifos, tradições orais e baseadas em alguma experiência do próprio Varazze (JACOPO DE VARAZZE, 2003, p.14).

Com sua estrutura em sermões, os textos hagiográficos da Legenda Áurea eram verdadeiras cartilhas do modelo de bom cristão e fazem parte de uma nova concepção didática desenvolvida pelos dominicanos: disseminar o conhecimento sacro também aos leigos.

Daí depreende-se porque a L.A² obteve tamanha repercussão bem como suas inúmeras traduções. Pois, como os demais sermões, foi compilada com o intuito de servir de modelo aos fiéis de forma mais clara, adotada pelo método pedagógico objetivado pelo autor.

O objetivo de Varazze nesta obra era auxiliar na elaboração de sermões, com um caráter pedagógico e principalmente engajado na propagação dos valores morais. Tida como livre de heresias e ótima ferramenta para os leigos.

O que realça suas raízes dominicanas no empenho do combate aos hereges através da pregação baseadas nos exemplos. Estes referem-se a relatos considerados verídicos, destinados a serem inseridos em um discurso, como pode ser visto em um sermão, que a propósito é a base estrutural da narrativa adotada pela L.A.

No entanto, esse aprendizado e entendimento disseminados aos leigos por meio desses textos se davam por uma via secundária (FORTES, 2014, p. 41). Isto é, apesar da ênfase ao

² Deste ponto em diante adotaremos a sigla L.A quando nos referirmos à obra Legenda Áurea.

caráter pedagógico na obra de Varazze, assim como em outras obras hagiográficas, a L.A. também foi escrita em latim. O que mostra que elas não foram escritas objetivando a leitura direta pelos leigos, que eram na maioria analfabetos. Mas, destinada ao uso dos clérigos como material de apoio na confecção dos sermões. Assim, para ilustrar uma determinada liturgia, o clérigo facilitava o entendimento do fiel através de uma referência a vida de algum santo.

Mesmo assim, a eficácia na disseminação sobre o sagrado não estaria comprometida. Na medida em que as hagiografias da L.A. fossem utilizadas como ferramentas para os ensinamentos dos frades pregadores, que poderiam transmitir através de seus sermões as biografias dos indivíduos veneráveis, bem como as inumeráveis virtudes e vantagens de ser um bom servo de Cristo. Momento mais do que conveniente para convencer os fiéis de quão seria gratificante que eles regessem suas vidas sob as liturgias e dogmas cristãos.

A L.A. comporta variados “exemplos”, sob a riqueza de detalhes e apresentação de diversas vertentes comportamentais das quais se queira tratar.

Mesmo assim, depreende-se desses relatos que Varazze deu maior destaque para os relatos martirológicos. Onde os santos passam por torturas, tribulações e sofrem até a morte em nome de Cristo.

Este aspecto decorre da Antiguidade Tardia (séc. III), quando os cristãos foram perseguidos e pereceram em nome de sua fé. Ponderando que Jacopo era membro da ordem dominicana, podemos inferir que também estava engajado no combate às ideias ditas heréticas. Assim, nada mais plausível que uma ênfase no exemplo dos santos, captando disso os martírios pelos quais os santos passaram e o ápice da glória como consequência de sua retidão cristã.

1.3.Santa Inês, Santa Eufêmia, Santa Maria Egípcíaca e Santa Taís: modelos e contra modelos para o comportamento feminino

Assim, considerando tal diversidade de perspectivas, escolhemos sob a ótica de identificar, através desses modelos, os papéis sociais atribuídos ao gênero feminino na sociedade medieval. Para tanto, dos vinte e seis relatos de vida de santas presentes na L.A, destacamos quatro: o de Santa Inês, o de Santa Eufêmia, o de Santa Maria Egípcíaca e o de Santa Taís. Deles, faremos, inicialmente, uma breve síntese:

1.3.1. Santa Inês

Segundo o relato biográfico de Ambrósio,³ santa Inês era muito jovem, mas muito virtuosa e madura em sua fé cristã. Tinha apenas 13 anos quando recusou se casar com o filho de um prefeito, alegando que já possuía um noivo excelente.

Quando santa Inês fala de seu “noivo”, é com tanto júbilo que ela elenca qualidades tidas como essenciais para um marido perfeito, o que denota que também havia um imaginário acerca do que seria considerado um bom esposo. Como observamos no seguinte fragmento: “Começou a fazer o elogio desse amante, desse esposo, que tinha as seis qualidades exigidas pelas esposas: nobreza de raça, beleza deslumbrante, riquezas, coragem, força e amor verdadeiro” (JACOPO DE VARAZZE, 2003, p.183).

³ Segundo Loyn (1997, p. 61), Santo Ambrósio, ou Ambrósio de Milão (339-397 d.C.) Nasceu na Gália, foi nomeado governador da Emília e Ligúria (370) e, em 374, sucedeu o bispo Auxêncio em Milão. Desde então, dedicou-se à interpretação das Escrituras e nas obras dos pensadores cristãos Orígenes e São Basílio, tornando-se uma referência como teólogo.

O que culminou o início de seu caminho para o martírio. Isto porque o prefeito soube da rejeição e que o noivo tão nobilíssimo a que ela se referia era Cristo. Desse modo, tentou convencê-la a não ser cristã e a aceitar seu filho.

Mesmo assim, ele fracassou ambas tentativas. Muito zangado com tantas desfeitas, principalmente por Inês ser cristã, deu-lhe duas alternativas: servir aos deuses dele ou ser meretriz. Mesmo assim, a devoção de Inês só aumentava, bem como sua resiliência e “alegria” em suportar seus suplícios. No entanto, em meios aos diversos sofrimentos a que foi submetida, só expirou quando usaram uma espada para matá-la.

1.3.2. Santa Eufêmia

De linhagem nobre, Eufêmia vendo as torturas e intemperes sofridos pelos cristãos foi logo confessar sua fé cristã ao juiz chamado Prisco afim de morrer em nome de Cristo e merecer a coroação do martírio. Considerando sua linhagem, o juiz tentou dissuadi-la de servir a Cristo, mas sim aos seus deuses.

No entanto, a inquietação de Eufêmia era a de ser preterida em meio aos cristãos estrangeiros. Isto é, indagava porque estes estavam sendo torturados e decapitados antes dela, pois encontrariam a glória antes dela. Diante disto, o carrasco a atentou sobre sua origem nobre e da fragilidade do sexo feminino: “Eu achava que você havia recuperado seu bom senso e me alegrava que você tivesse lembrado da sua nobreza e do seu sexo”. (JACOPO DE VARAZZE, 2003, p.810).

Seu martírio foi permeado de torturas, tentativa de violação por parte do juiz, fosso com animais selvagens e roda cheia de brasas. Mesmo assim, saiu ileso destes e foi responsável por várias

conversões que ocorreram ao longo de seus suplícios. Por fim, morreu através de golpe de espada, cuja ferramenta é a única capaz de vencer a coragem dos cristãos, segundo Apeliano:⁴

“A coragem dos cristãos só é vencida pela espada, por isso aconselho mandar decapitá-la” (JACOPO DE VARAZZE, 2003, p.811).

1.3.3. Santa Maria Egípcíaca

Maria Egípcíaca é denominada em sua hagiografia como “a pecadora”. Foi encontrada no deserto pelo abade Zózimo. Depois de persegui-la e insistir em saber de sua história, Maria Egípcíaca lhe contou que vivia em pecado até quando foi adorar a santa cruz em Jerusalém. Lá, ela notou que alguma força invisível a impedia de adentrar no recinto onde estava a santa cruz e então percebeu que era por conta de seus pecados.

Ao se lamentar por sua situação pecaminosa e orar com muito fervor, teve uma visão da Virgem Maria, a qual pediu perdão por seus pecados e permissão para adorar a santa cruz. Em troca, prometeu que dali em diante levaria uma vida casta. Depois de adorar a cruz foi cumprir sua penitência no deserto, onde viveu por 47 sem ter contato com homem algum.

No deserto, como dito, ela encontrou o abade Zózimo e lhe pediu que no próximo ano, no dia da Santa Ceia, que lhe trouxesse o corpo de Cristo para que ela pudesse comungar. Depois que Santa Maria Egípcíaca comungou, pediu que ele retornasse no próximo ano para vê-la. Mas, no ano seguinte, o sacerdote a encontrou morta e, com a ajuda de um leão que surgiu, cavou uma cova e a enterrou no deserto, depois do rio Jordão.

1.3.4. Santa Taís

⁴ Apeliano consta na hagiografia da Santa Eufêmia (L.A) quando aconselha o juiz a usar uma espada para matá-la. (p. 811)

Taís era do Egito e considerada meretriz. Possuía grande fama por sua beleza e por se aproveitar dela para dizimar as riquezas dos homens. Sabendo da fama da moça, o abade Pafúncio foi procurá-la com o intuito de convertê-la ao cristianismo.

Durante o encontro, ele percebeu que Taís sabia da existência de seu Deus, do qual não se podia esconder nada, bem como sobre o inferno como destino para os pecadores. Ao notar isso, o sacerdote alertou para que ela se convertesse a tempo de conseguir remissão. No que ela prostrou-se aos seus pés arrependida e buscando expiação por seu pecados.

Para demonstrar seu arrependimento, queimou todo seu dinheiro em uma praça pública, foi em busca de sua expiação e ficou enclausurada por três anos em penitência. Depois desse período, alguns discípulos do abade Antônio tiveram uma visão celeste na qual três virgens anunciaram o perdão pelos pecados de Taís. No que ela pôde, enfim, morrer em paz.

1.4. Conclusões parciais do capítulo

Neste capítulo, explicamos que a hagiografia é um gênero textual que narra a vida de santos. Em geral, enfatiza seus feitos heroicos e de devoção cristã, incorporando-os ao perfil do cristão ideal. Demonstramos também que o culto aos santos e suas relíquias com poderes taumaturgos decorrem desde a Antiguidade Tardia e que se fundamentou na fé cristã na Alta Idade Média.

Nesta época, a ordem dos mendicantes foi de suma importância para disseminar a culturalização dos santos através de seus sermões e práticas pastoris que visavam converter mais fiéis, assim como a manutenção do controle social da Igreja. Para tanto, a obra L.A. do

dominicano Jacopo de Varazze, desempenhou um papel de teor pedagógico, visto que serviu de base nos sermões para os fiéis e na ratificação do caráter sacro dos santos, bem como nos valores morais eleitos pela doutrina cristã.

Assim, desta obra, elencamos e resumimos a vida de quatro santas: Inês, Eufêmia, Maria Egipcíaca e Taís. Desse modo, através de seus feitos, pretendemos analisar seus comportamentos à luz das relações de gênero na sociedade medieval do século XIII. Uma vez que, com tamanho destaque para os feitos heroicos e de seus martírios, os santos tornaram-se verdadeiros exemplos para a sociedade cristã medieval.

Assim como a maioria dos demais relatos das vidas dos santos desta obra, as hagiografias citadas acima também fazem parte da escolha metodológica de Jacopo de Varazze pelos relatos martirológicos e/ou penitentes dos santos. Tal adoção difere das hagiografias de obras anteriores, onde se priorizavam as biografias sacras ligadas ao cenário aristocrata e intelectual do clero (FORTES, 2014, p.41). Além disso, também destoa, da ideia da predestinação da vida santa desde o nascimento. Contudo, evidencia as paixões e tormentos dos santos mártires, que alcançaram sua glória por mérito próprio, através de sua fé e postura resilientes.

Dessa forma, para além do caráter martirológico aderido por Jacopo de Varazze, desenvolveremos, a partir destas quatro hagiografias de santas medievais mencionadas, os principais aspectos que contribuíram na instituição de modelos e valores morais para o comportamento feminino, considerados e disseminados pela Igreja como exemplares.

CAPÍTULO II

ANÁLISE DOS MODELOS MORAIS FEMININOS NO MEDIEVO A PARTIR DA LEGENDA ÁUREA

2.1. Modelos e contra modelos de comportamentos morais femininos na Legenda Áurea

As mulheres conquistaram espaço na vida religiosa medieval a partir do séc. XII, principalmente através da ascensão do culto mariano e da difusão dos mosteiros como instituições de concentração religiosa e subterfúgio da vida secular. Desde a ordem das Clarissas, as construções de mosteiros femininos aumentaram, assim como a inserção da mulher no âmbito religioso, com determinadas atribuições e possibilitando, inclusive, que elas administrassem seus respectivos mosteiros.

Para dimensionar a importância deste avanço, é necessário salientar que a organização da sociedade feudal era essencialmente masculina. Praticamente todos os cenários eram encabeçados e regidos pelos homens e, portanto, a Idade Média foi escrita por eles (DUBY, 2013, p.11), assim como o imaginário medieval provém de suas perspectivas.

As mulheres viviam sob a tutela masculina, fosse a do pai, a partir do nascimento, até a de seu esposo, após contrair matrimônio, pelo qual finalmente alcançava sua existência jurídica (DUBY, 1998, p.98). Além disso, o casamento geralmente proporcionava o fortalecimento e estabilidade das dinastias, bem como do feudo familiar.

Dessa forma, o papel feminino no Medievo se iniciava na contração marital e encerrava-se nas atividades domiciliares e litúrgicas. O alto clero, a fim de prevalecer como controlador ideológico dos âmbitos da civilização feudal, criava modelos e legitimava-os em

seus ensinamentos pregados nos sermões, aos quais foram amplamente difundidos pela Ordem dos pregadores.

Com as mulheres não era diferentes, haviam as condutas estabelecidas como corretas e que deviam ser seguidas. Uma vez que, para além do caráter heroico e milagroso das santas, são seus comportamentos morais que deviam ser tomados como exemplos para os fiéis (BASCHET, 2006, p. 221).

Sendo assim, nas hagiografias de santas da L.A., podemos evidenciar alguns aspectos comportamentais estabelecidos pela ideologia clerical como modelos a serem reproduzidos pelas mulheres.

Alguns traços das santas na L.A. foram correlacionados a um ideal de comportamento feminino. Faziam parte da centralização do poder clerical controlar a vida dos indivíduos desde religiosa até socialmente, através das ações e intenções de seus fiéis. Assim, utilizando o conteúdo da L.A. durante os sermões como uma ferramenta de controle dos fiéis, algumas nuances da vida das santas podiam ser destacadas ou não, a depender do que se pretendia difundir.

2.2 Modelos de comportamento feminino no Medievo: Santa Inês e Santa Eufêmia

Em ambas hagiografias, Santas Inês e Santa Eufêmia pertencem a famílias de linhagens nobres, status social elevado e são condenadas por aristocratas. Contudo, não se curvaram às vontades deles e se mantiveram altivas e dispostas a provar sua fé. Dentre tais semelhanças, depreendemos que suas insubmissões e vontade própria sobre as imposições de seus carrascos não seriam amplamente celebradas, posto que tal época concerne ao âmbito social de caráter masculino.

Desse modo, destacamos as ações que eram tomadas como modelos ideais do comportamento feminino para a sociedade cristã do século XIII à qual Jacopo de Varazze objetivava seus sermões. As virtudes ressaltadas são: a castidade, devoção e júbilo pelo martírio. Examinemos separadamente cada uma delas.

2.2.1.Castidade/Virgindade

O binômio castidade-virgindade é basilar nos parâmetros cristãos e constituintes da virtude feminina no Medievo. Ademais, trata-se de um valor bíblico⁵ salvaguardado no decálogo, ou seja, nos dez mandamentos da lei de Deus: “Não pecais contra a castidade”. Assim, a castidade é tratada como algo pudico, puro e devendo manter-se livre de qualquer impureza tanto do corpo quanto da alma, assim como das intenções e pensamentos; esses critérios legitimavam tal virtude em uma mulher.

Outrossim, na hagiografia de Santa Inês, Ambrósio, entre outros atributos, a descreve como “virgem de elevadíssima prudência”. Isto porque ela rejeitou um pedido de casamento do filho de um prefeito por se dizer prometida a outro noivo, Cristo. Para enaltecer seu noivo ela enfatiza quanta pureza ele lhe proporciona: “quando o amo sou casta, quando me aproximo dele sou pura, quando o abraço sou virgem.” (JACOPO DE VARAZZE, 2003, p. 183)

Quando o prefeito descobriu a rejeição de seu filho por Inês e que o noivo era Cristo, ele exigiu que ela servisse aos seus deuses ou virasse meretriz. Ao que Inês lhe respondeu: “Não sacrificarei aos seus deuses, como tampouco serei maculada pelas ações infames de quem quer que seja, porque tenho como guardião de meu corpo um anjo do Senhor”. Dito isto, o prefeito ordenou que a levassem ao prostíbulo: “O prefeito ordenou então que a despissem e a levassem

⁵ O decálogo consta no livro bíblico Êxodo: 20: 3-17 e posteriormente em Deuteronômio 5:7-21.

nua ao lupanar. Mas o Senhor tornou seus cabelos tão espessos que ela ficou mais bem coberta por eles do que por sua roupa”. (JACOPO DE VARAZZE, 2003, p.184)

Nesta passagem destacamos a nudez vista como impura, algo vergonhoso. A exposição do corpo como pecaminoso se materializa quando, através de uma intervenção divina, os cabelos de Inês ficam tão espessos ao ponto de cobrir-lhe a nudez. Estabelecendo, assim, a exibição do corpo e a prostituição como manchas morais, às quais se preferia morrer ao se prestar a tais exigências.

Na hagiografia de Santa Eufêmia sua castidade também é elogiada:

A ilustre e triunfante virgem Eufêmia conservou a mitra da virgindade...Que essa virgem sagrada, Senhor, proteja sua Igreja e interceda por nós, pecadores. Que essa virgem ilibada, escrava criada em sua casa, possa apresentar a você nossos votos. (JACOPO DE VARAZZE, 2003, p. 182).

Tal fragmento denota que a virgindade dignifica a mulher, destacando-se como elemento um elemento de retidão e excludente ao ponto que outorga somente às virgens um status virtuoso de pureza.

No início das hagiografias de Santa Inês e Santa Eufêmia há um estudo etimológico acerca de seus nomes e, os nomes de ambas possuem significados angelicais, coincidentes com as qualidades esperadas pela Igreja: “Inês [Agnes] vem de agnus, "cordeiro", porque ela foi doce e humilde como um cordeiro.” p.183. “O nome Eufêmia deriva de eu, "bom" e femína, "mulher", significando "boa mulher", isto é, útil, honesta e agradável, pois o que se chama de bom tem essas três qualidades.” p. 810. Todavia, essa atenção ao significado etimológico são negligenciados à Santa Maria Egípcíaca e Santa Taís, sobrando-lhes, as alcunhas de pecadora e meretriz.

Estas narrativas hagiográficas dimensionam no medievo a importância da mulher se guardar para seu esposo. A abstinência sexual feminina como diagnóstico de caráter e dignidade moral.

2.2.2. Devoção e júbilo pelo martírio

Estes quesitos estão entrelaçados, já que por devoção entende-se dedicação e zelo pela moral cristã estabelecida pelas normas eclesiais como correta, do mesmo modo que deve ser imitada fervorosamente. Por sua vez, o martírio é um caminho voluntário pelo qual alguns fiéis perecem e perpassam por humilhações, torturas e sofrimentos até a morte.

Esta via simboliza o ápice de fidelidade e devoção sacra, posto que infere uma escolha entre a vida mundana e sem perseguições e a morte por Cristo, consagrando-se através de diversas chagas. Mas, recompensada pela coroa da glória, tal qual como um rito de passagem imprescindível para o paraíso celeste.

Diante disso, as santas martirizadas ansiavam em seu âmago por tal merecimento, pela oportunidade de afirmar sua fé e perecer por seu Salvador. Constatemos essas afirmações no seguinte excerto:

O suplente, que se chamava Aspásio, mandou jogá-la [Santa Inês] numa grande fogueira, mas a chama, dividindo-se em duas, queimou o povo que estava em volta, sem atingir Inês. Aspásio mandou então enfiar uma espada na garganta dela. Foi assim que Cristo, seu esposo fulgurante de brancura e de vermelhidão, sagrou-a sua esposa e sua mártir (JACOPO DE VARAZZE, p.185).

Neste fragmento, Inês já havia saído do prostíbulo e o suplente do prefeito empenhou-se em diversas maneiras para executá-la, que só ocorre através da espada. A partir daí, por meio de seu martírio, Inês é consagrada e glorificada.

Vejamos também o aspecto martirológico na vida de Santa Eufêmia:

A ilustre e triunfante virgem Eufêmia conservou a mitra da virgindade e mereceu receber a coroa do martírio, pois venceu as hostes inimigas, pois superou seu adversário Prisco, saiu intacta de uma fornalha ardente, reduziu a pó as pedras mais duras, amansou feras, suas orações superaram toda espécie de suplício, e finalmente traspassada pela espada deixou a prisão de sua carne pelos claustros celestes a cujos coros juntou-se com alegria (JACOPO DE VARAZZE, p. 812).

Mesmo passando por diversas armadilhas humanamente mortais, Eufêmia saiu ileso de quase todos, exceto da espada, tida como único instrumento capaz de executar os cristãos. Pois, segundo o carrasco Apeliano, “a coragem dos cristãos só é vencida pela espada, por isso aconselho mandar decapitá-la” (JACOPO DE VARAZZE, 2003, p.811).

Atrelado a este contexto martirológico das santas Inês e Eufêmia, desencadeia-se um ambiente propício aos milagres, durante a vida e principalmente depois da morte dessas santas. Tendo em vista que seus sepulcros são visitados recorrentemente, tornando-se lugares de romaria, aparições e milagres para os fiéis, assim como conversões de antigos incrédulos.

Principalmente dos indivíduos que testemunharam o sofrimento das santas durante seu martírio.

Sobre essas aparições e milagres, na hagiografia de Santa Inês conta-se que:

Constância, filha de Constantino, estava coberta por uma lepra pavorosa, e quando soube dessa aparição foi ao túmulo de Inês, onde após ter rezado por muito tempo e adormecido,

viu a beata, que lhe disse: "Constância, age com constância; logo que você acreditar em Cristo será curada". A essas palavras ela acordou, encontrando-se perfeitamente sadia. Recebeu então o batismo e ergueu uma basílica sobre o corpo de Santa Inês, onde viveu na virgindade e reuniu à sua volta uma multidão de virgens que seguiram seu exemplo (JACOPO DE VARAZZE, 2003, p.186).

Ambrósio ainda elogia esta santa por seus atributos e por sua juventude sábia, pois apesar de muito nova, não havia dúvidas sobre sua devoção em seguir o caminho do martírio:

Com ela começou um novo gênero de martírio, pois ainda não estava preparada para o sofrimento e já estava madura para o triunfo. Ela mal podia combater e já era digna da coroa da vitória. Não estava na idade do juízo mas era mestra em virtude. Nenhuma esposa teria dirigido seus passos para o leito do esposo da maneira como fez essa virgem, que se apresentou para o suplício feliz (JACOPO DE VARAZZE, 2003, p.187).

No que corresponde à Santa Eufêmia, relata-se que durante as diversas tentativas de executá-la, alguns algozes se arrependiam no meio do percurso e lhe pediam perdão:

Outro homem, chamado Sóstenes, subiu pela escada e foi imediatamente convertido por Eufêmia, a quem pediu perdão. Ele entregou a espada ao juiz, dizendo que preferia matar-se a tocar uma pessoa defendida pelos anjos (JACOPO DE VARAZZE, 2003, p. 811).

Além desse homem, após sua morte, todos os judeus e pagãos da cidade onde ela foi sepultada (Calcedônia) se converteram ao cristianismo. Demonstrando, assim, que a exposição dos mártires bem como a dos sofrimentos pelos quais passam, servem para ungi-los para a glória celeste e colateralmente para a adesão de novos fiéis ao cristianismo.

A pesquisadora Carolina Coelho Fortes (2014) destaca os milagres como sinal de favoritismo ao santo nos momentos em que está em combate com seus algozes e em suas paixões. Demonstram, com tal predileção, a superioridade sacra, ao passo que vencem os costumes dos inimigos mundanos.

Pontos pelos quais se pode compreender o motivo da Igreja enfatizar tanto os cultos dos santos mártires. Estas criaturas que voluntariamente abdicavam dos prazeres carnis e da vida secular para se sacrificarem por Cristo e posteriormente desfrutarem da glória celestial.

2.3. Contra modelos do comportamento feminino no Medievo: Santa Maria Egipcíaca e Santa Taís

Ao contrário das hagiografias de Santa Inês e Santa Eufêmia, as vidas de Santa Maria Egipcíaca e Santas Taís são contra modelos do comportamento feminino. Seus relatos hagiográficos se contrapõem aos enfoques de castidade e devoção das primeiras, cujas santidades e virtudes são definidas como provenientes desde o nascimento.

Ao passo que os aspectos comuns elencados de Santa Maria Egipcíaca e Santa Taís são elementos inicialmente opostos, uma vez que elas não foram mártires, mas, convertidas.

Contudo, elas também conquistaram o status de santidade, mesmo que por vias diferentes, a saber: prostituição, arrependimento como ponte para a santidade e penitência através do enclausuramento e da abstinência sexual.

2.3.1 Prostituição

Mesmo inseridas numa sociedade que se dedicava ao controle e repressão da vida sexual feminina, em suas respectivas hagiografias, essas santas são lembradas inicialmente por suas práticas sexuais e pelas alcunhas de pecadora e meretriz. Visto que a prostituição encarna-se como pecado contra a castidade, ao burlar a ordem social da abstenção sexual para as mulheres.

É diante disso que percebemos a apresentação delas como verdadeiras maculadoras da sociedade, ao passo que suas práticas “desencaminhavam” também os homens que buscavam seus ofícios.

No tocante à Santa Maria Egípcíaca, podemos observar que o estigma de pecadora é apontado pela própria quando o sacerdote Zózimo a encontra no deserto do Jordão:

Nasci no Egito, irmão, e aos doze anos de idade fui para Alexandria, onde durante dezessete anos entreguei-me publicamente à libertinagem e nunca me recusei a quem quer que fosse... Chegando a Jerusalém, fui com as outras pessoas até a igreja para adorar a cruz, mas imediatamente uma força invisível me repeliu e me impediu de entrar. Várias vezes fui até a soleira da porta, e continuava a ser repelida, enquanto todo mundo entrava sem dificuldade e sem encontrar nenhum obstáculo. Pus-me a pensar e concluí que tudo aquilo tinha como causa a enormidade de meus crimes (JACOPO DE VARAZZE, p. 353).

Neste fragmento, entendemos que essa força invisível que a impediu inicialmente de entrar na Igreja comportou-se de modo punitivo, como se tomasse Maria do Egito como indigna, considerando seu comportamento como lascivo. Metaforicamente, essa “força” pode ser interpretada como o poder da Igreja em limitar e controlar os que não viviam de acordo com seus preceitos, de modo que podia punir os indivíduos que vivessem foras deles com a exclusão na sociedade. Pois, isto implica que ela não estava em conformidade com o modelo imposto como adequado à época.

Destacamos também que tal concepção estava arraigada socialmente, tanto que Maria do Egito⁶ equiparou seus atos à conduta criminoso. Em razão disso, inferimos que as meretrizes eram marginalizadas tais quais criminosos, posto que, ao não adotar uma vida casta até o matrimônio, estavam obstruindo uma lei instituída e valorizada pela moral da fé cristã.

Outrossim, no que compete à vida de Santa Taís, sua fama por desfortunar os homens que a procurava por seus favores sexuais foi o que motivou o abade Pafúncio a querer convertê-la. Ele não aprovava seu comportamento e acreditava que ela cometera o pecado tanto de se desviar da fé cristã, quanto o de desencaminhar os homens.⁷

O abade visava convertê-la, além disso, se refere a ela com grande indignidade perante Deus, tomando-a com um ser desregrado e indecente: “Você não é digna de pronunciar o nome de Deus, nem de ter nos lábios o nome da Trindade, como tampouco de elevar suas mãos ao Céu, pois seus lábios estão cheios de iniquidade, suas mãos sujas de imundícies” (JACOPO DE VARAZZE, 2003, p. 855)

Com os relatos destes aspectos, entendemos que apenas pelo fato das santas citadas serem meretrizes, já estavam estigmatizadas moralmente e condenadas como indivíduos sujos e inferiores perante a sociedade e Deus. A equiparação das meretrizes aos criminosos indicava aos fiéis quão duros podiam ser o veredicto perante os homens e o divino para as mulheres que se desvirtuassem do caminho da castidade.

2.3.2. Arrependimento como ponte para a santidade

⁶ O nome de Santa Maria Egípcíaca possui as variantes de Maria do Egito e Maria Egípcia.

⁷ O abade confirma isso neste fragmento: "Se conhece essas coisas, por que provoca a perda de tantas almas, leva à condenação não somente a sua mas também a de outros?" (JACOPO DE VARAZZE, 2003, p. 854).

Um das condições determinantes para a conversão dos indivíduos ao cristianismo era o autêntico arrependimento pelos pecados cometidos juntamente com a imediata abdicação de práticas condenáveis pela moral cristã. Visando, a partir disso, alcançar as benesses divinas. Por isso que os pecadores entendiam muitos de seus infortúnios como castigos celestes por seus erros.

Essa concepção das adversidades como castigos existia em Santa Maria Egípcíaca, posto que, como suas tentativas iniciais de entrar na Igreja foram impedidas por certa força sobrenatural, ela logo atribuiu a isso o fato de levar uma vida pecaminosa. No que, em sinal de arrependimento, rogou e chorou bastante até que seu apelo foi ouvido pelos céus: “Comecei a bater no peito com as mãos, a derramar lágrimas amargas, a dar profundos suspiros do fundo do coração e, ao erguer a cabeça, vi uma imagem da bem-aventurada Virgem Maria” (JACOPO DE VARAZZE, p. 353).

Ao subjugar-se como uma grande pecadora, Maria do Egito roga a fim de ser ouvida e pela intercessão divina, neste caso, pela Virgem Maria. O que ratifica a concepção dos santos como seres intermediários entre a vida terrena e a celeste.

Todavia, no relato da Santa Taís, em seu arrependimento ela apaga seu passado pecaminoso antes de se enclausurar e destrói todo o dinheiro proveniente de suas práticas tidas como promíscuas e “ela juntou o que ganhara com seus pecados, mandou levar para o meio da cidade e na presença de todo o povo pôs fogo naquilo, gritando: ‘Venham todos vocês que pecaram comigo, venham ver como vou queimar o que me deram’” (JACOPO DE VARAZZE, p. 854). Ao final da queima do dinheiro, é enfatizado também que os bens valiam quarenta libras de ouro.

Desse modo, fica evidente para nós que tais hagiografias podiam ser utilizadas nos sermões de Jacopo de Varazze e dos demais dominicanos para mostrar aos fiéis que até os mais

impuros podiam ser perdoados. Porém, era necessário que se arrependessem e abandonassem suas condutas condenáveis, vivendo, disso em diante, nos preceitos cristãos ditados pela doutrina clerical.

2.3.3. Penitência através do claustro

No início da Alta Idade Média, a Igreja, como mediadora celestial, concedia aos fiéis uma única penitência para a remissão de seus pecados cometidos após o batismo, que era pública e por ser exclusiva, frequentemente os fiéis optavam por utilizá-la quando acreditavam estar perto da morte (BASCHET, 2006, p. 217).

Mas esta penitência antes permitida pela Igreja difere da possibilitada através do claustro, já que uma das vias para os leigos expiar seus pecados era através do enclausuramento, que promovia a fuga do mundo secular e a abstinência dos deleites carnis. Neste caso, as santas Maria Egípcíaca e Taís passaram por essa pena, seja como eremita ou enclausurada num mosteiro.

Esse afastamento do convívio secular servia para a purificação dos vícios do pecador, com isso, também possibilitava a manutenção da castidade por meio da abstinência sexual, para que os indivíduos purgassem pensamentos, vontades e intenções de suas anteriores práticas impróprias. Visando, dessa forma, sua regeneração e alcançar o perdão divino.

Na hagiografia de Santa Maria Egípcíaca, seu enclausuramento ocorreu no deserto do Jordão, onde cumpriu sua promessa de renúncia ao mundo:

Pedi então, com lágrimas, que ela [Virgem Maria] obtivesse o perdão de meus pecados e me deixasse entrar para adorar a Santa Cruz, prometendo renunciar ao mundo e levar, dali em diante, uma vida casta (JACOPO DE VARAZZE, p. 353).

Dessa maneira, Egipciaca viveu como eremita e manteve-se intocada por qualquer homem durante os 47 anos em que pereceu no deserto. Demonstrando, assim, a possibilidade do perdão a partir do isolamento e abdicação dos prazeres carnis oferecidos no mundo secular.

No que concerne à penitência de Santa Taís, após se arrepender e queimar todo o dinheiro ganho com sua prostituição afastou-se do mundo enclausurando-se numa cela do mosteiro indicado pelo abade Pafúncio:

Quando ela queimou tudo, dirigiu-se ao lugar que o abade Pafúncio indicara, um mosteiro onde a enclausurou em uma pequena cela cuja porta lacrou com chumbo. Deixou apenas uma pequena janela por onde todo dia davam-lhe um pouco de pão e um pouquinho de água (JACOPO DE VARAZZE, p. 854-855).

Assim, sua privação foi desde sua liberdade de ir e vir, até às alimentares, posto que sua alimentação limitou-se a pão e água durante os três anos de claustro. Expondo que na penitência todos os deleites eram ceifados como fruto do afastamento de todos os prazeres, inclusive dos sentidos salutareis ao ser humano.

Ao apontar a vida dessas santas desde as nuances pecaminosas até suas gloriosas conversões, defendemos que a doutrina eclesial utilizou esses relatos para exprimir que o

perdão divino também poderia se estender aos demais fiéis pecadores. Contudo, tal dádiva estava condicionada ao verdadeiro arrependimento e cessão de suas práticas impudicas.

2.4. Conclusões parciais do capítulo

Nesta seção, notificamos a predominância do masculino nos âmbitos sociais, econômicos e religiosos da civilização feudal. Por sua vez, a mulher ficava afastada da vida pública e designada ao âmbito doméstico. Isto é, sua participação nesta sociedade limitava-se aos afazeres familiares e administração da casa.

Todavia, com o advento das construções de mosteiros femininos a partir do século XII, este cenário avançou, na medida que outorga às mulheres maior participação na vida litúrgica. A inserção delas na vida sacerdotal corroborou para o aumento de canonização de santas.

Mostramos, desse modo, que os comportamentos dessas santas foram disseminados através dos sermões como modelos para demais fiéis cristãos. Isto para que a Igreja auto afirmasse poder normativo também no controle da vida social.

As hagiografias escolhidas da L.A. permitiram a análise de alguns aspectos pertinentes ao comportamento das santas contextualizando com as relações de gênero na Idade Média.

Para tal, subdividimos em duplas a vida de quatro santas e seus comportamentos em duas seções: a primeira com aspectos considerados perfis comportamentais exemplares e defendidos durante as pregações e a segunda com aspectos de contra modelos de comportamentos morais estabelecidos pela Igreja, considerados desvirtuosos para as mulheres.

Dessa forma, mostramos que as hagiografias das santas enfatizam a sacralidade de suas virtudes e devoção. Mas, para além de suas paixões e fé cristã, configuravam-se em exemplos de imitação. Pelos quais era desejável que as mulheres se mantivessem virtuosas e puras, bem longe da impudicidade dos prazeres carnavais.

Não obstante, ao relatar a vida pecaminosa de Santa Maria Egípcíaca e Santa Taís, os sermões também estendiam o perdão às pecadoras, pois ensinavam que até as mais infiéis poderiam se regenerar, desde que se arrependessem verdadeiramente e se livrassem de seus pecados.

CAPÍTULO III

CONCLUSÃO DE CONJUNTO

Ao longo deste estudo, nos deparamos com a inegável predominância do masculino nos âmbitos sociais, econômicos e religiosos da civilização feudal. Além do secundarismo das mulheres que, por sua vez, eram naturalmente afastadas da vida pública e designadas ao âmbito doméstico. Isto é, sua participação nesta sociedade limitava-se aos afazeres familiares e administração da casa.

As hagiografias escolhidas da L.A. permitiram a análise de alguns aspectos pertinentes ao comportamento das santas contextualizando com as na Idade Média. Tais elementos, nitidamente, são instituídos e alicerçados pela doutrina cristã, bem como propagados pela Igreja com o intuito de serem praticados pelos fiéis.

Ao examinarmos os comportamentos das quatro santas à luz das relações de gênero na sociedade medieval do século XIII, percebemos que, mesmo com o teor sacro, ao contrário das santas, os santos elencados na L.A. não foram canonizados e nem mesmo enfatizados por suas virtudes de castidade e pureza.

Interpretamos que os comportamentos dessas santas foram disseminados através dos sermões e firmados como símbolos imitáveis para as demais fiéis embevecidos nos fatores morais eclesiásticos.

Ao analisamos certos aspectos das hagiografias femininas do Medievo, como os de castidade/virgindade; devoção e júbilo pelo martírio; o arrependimento como ponte para a santidade e a penitência através do claustro, verificamos que estes, tão cobrados e imprescindíveis nas mulheres, são quase que dispensáveis como atributos para os santos. Identificamos tal circunstância como uma hierarquização masculina também no sagrado.

Prova disso, é que a maior parte dos santos são evidenciados nas hagiografias por suas ligações aos cargos eclesiásticos, como sabemos, o masculino também predominava neste âmbito, ao passo que ainda era muito restrito à participação das mulheres nas liturgias. O que pode explicar a causa de sua imponência quantitativamente.

Além disso, outra parte das biografias sacras masculinas constituem-se em santos guerreiros, lisonjeados por seus feitos hercúleos e ferrenhos combatentes no exército de Cristo contra os ditos infiéis. Enquanto as santas eram utilizadas como símbolos de pureza, os santos alcançavam a glória como guerreiros ao passo que combatiam os não cristãos.

Demonstramos também que o culto às relíquias decorre desde a Antiguidade Tardia e que se fundamentou no cristianismo na Alta Idade Média. Com isto, correu o que classificamos como transferência simbólica das relíquias.

Isto é, se antes o uso dos amuletos como objetos de proteção eram considerados ritos pagãos, com o advento dos restos mortais e objetos dos santos como relíquias, a Igreja Medieval elevou-os ao status de proteção e ostentação do sagrado, ao concebê-los como materialização dos milagres e seus poderes taumaturgos. Essa transferência simbólica ocorreu através da “cristianização” dos amuletos, transformando, desse modo, o que era profano em sacro.

Com sua estrutura em sermões, os textos hagiográficos da L.A. eram verdadeiras cartilhas do modelo de bom cristão e fazem parte de uma nova concepção didática desenvolvida pelos dominicanos, a prática pastoril.

Era a partir disso a Igreja autoafirmava seu poder normativo também no controle da vida social. Para tanto, já mencionamos que a obra L.A. do dominicano Jacopo de Varazze, desempenhou um importante papel de teor pedagógico, visto que serviu de base nos sermões

para os fiéis e na ratificação do caráter sacro dos santos, bem como nos valores eleitos pela doutrina cristã.

Dessa forma, as hagiografias das santas enfatizam que seus atos e práticas convergem diretamente na sacralidade, dadas suas virtudes e devoção por Cristo. Por isso que, para além de todo sofrimento que elas passaram para provarem sua fé cristã, configuravam-se verdadeiramente em exemplos de imitação. Para tal, era desejável que as mulheres se mantivessem virtuosas e puras, buscando sempre desvencilhar-se da impudicidade dos prazeres carnavais, vastamente ofertados pela vida mundana.

Mesmo ao relatar a vida pecaminosa de santas como Maria Egipcíaca e Taís, os sermões demonstravam que também estendiam o perdão às pecadoras, pois ensinavam que até as mais infiéis poderiam se regenerar, desde que se arrependessem verdadeiramente e se livrassem de seus pecados.

O exame dos aspectos comportamentais de Santa Inês, Santa Eufêmia, Santa Maria Egipcíaca e Santa Taís contidos na L.A. demonstra que sermões sobre a vida dessas santas evidenciam, veladamente, um verdadeiro código de conduta social embevecido nos preceitos morais daquela sociedade medieval.

As biografias de Santa Inês e Santa Eufêmia apresentam como deveriam ser boas cristãs: castas, devotas e jubilosas por oferecer suas vidas por Cristo. Por outro lado, as vidas de Santa Maria Egipcíaca e Santa Taís representam contra modelos de virtude, pois remontam a vida de mulheres que se apegaram à vida mundana, se prostituindo e desviando dos preceitos castos. Estas só alcançam a remissão por seus pecados, e, conseqüente, a graça divina, após seu afastamento do mundo e arrependimento.

Essas hagiografias comunicavam às mulheres o que a Igreja esperava delas: seus deveres litúrgicos e domésticos. Desse modo, construíam os modelos de comportamento feminino no medievo, outorgavam às mulheres o ideal de boa esposa cristã e apresentavam regras comportamentais, bem como as sanções por transgredi-las.

Assim, corroboramos com a concepção de gênero como uma construção sócio histórica, que se legitima nas tradições consuetudinárias e com a institucionalização dos códigos de condutas, onde os papéis sociais dos indivíduos são definidos. Por conseguinte, sabendo que o masculino exercia poderio majoritário na Idade Média, entendemos que as hagiografias de santas estão imbuídas nas as relações de gêneros à medida que serviam de instrumentos para ratificar a instituição dos modelos comportamentais das mulheres.

REFERÊNCIAS

Fonte Medieval Impressa

JACOPPO DE VARAZZE. Legenda Áurea: vida de Santos. Trad. Hilário Franco Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Demais obras

ALMEIDA, Néri de Barros. Intenção do autor e cultura folclórica: o martírio na Legenda Áurea. In: TEIXEIRA, Igor Salomão (Org). História e Historiografia sobre a Hagiografia Medieval. São Leopoldo: Oikos, 2014, p. 14-29.

BASCHET, Jérôme. A civilização feudal: do ano 1000 à colonização da América. São Paulo: Globo, 2006.

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. v.1

DUBY, Georges. As damas do século XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. Idade Média, idade dos homens: do amor e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. As três ordens ou o imaginário do feudalismo. Lisboa: Estampa, 1995.

_____; PERROT, Michelle. (Dir.) História das mulheres no ocidente. Porto, Portugal: Ed.

Afrontamento, 1990. Vol. 2.

_____. O ano mil. Lisboa: Edições 70, 1987.

FORTES, Carolina Coelho. A Legenda Áurea: datação, edições, destinatários e modelo de santidade. In: TEIXEIRA, Igor Salomão (Org). História e Historiografia sobre a Hagiografia Medieval. São Leopoldo: Oikos, 2014, p. 30-46.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. A Idade Média: O Nascimento do Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 2006.

JUTEAU, Danielle. Etnicidade e nação. In:HIRATA, Helena. et al. (Orgs.) Dicionário Crítico do Feminismo. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 90-96.

KOCKA, Jürgen. Comparison and Beyond. History and Theory, Middletown, n. 42, p. 39-44, fev. 2003.[trad. Maria Elisa Bustamante]

LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude; FRANCO JR., Hilário. Dicionário temático do ocidente medieval. Bauru, SP: EDUSC, 2006. 2v

LE GOFF, Jacques. A civilização do ocidente medieval. São Paulo, SP: EDUSC, 2005.

_____. Os Intelectuais na Idade Média. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

LEHAYE, Hippolyte De. Hagiography. In: Catholic Encyclopedia. New York: Robert Appleton Company,1910, vol. 7, p. 131-132.

Disponível em: <https://www.fatimamovement.com/images/eBooks/Original-Catholic-Encyclopedia-Volume-07.pdf> acesso em 28 de março de 2016.

LOYN. Henry R. Dicionário da Idade Média. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

MATHIEU, Nicole-Claude. Sexo e Gênero. In: HIRATA, Helena. et al. (Orgs.) Dicionário Crítico do Feminismo. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p.222- 231.

SCOTT, Joan. A história das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992, p. 63-96.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. (Org.). Hagiografia e História: reflexões sobre a Igreja e o fenômeno da Santidade na Idade Média Central. Rio de Janeiro: HP Editora, 2008.

VAUCHEZ, André. A espiritualidade na Idade Média Ocidental (séc.VIII a XIII). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

VERGER, Jacques. Homens e Saber na Idade Média. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

Anexos

A seguir, copiamos da L.A as quatro hagiografias examinadas nesse trabalho. As notas de rodapés enumeradas dos anexos são provenientes da tradução da obra, feita por Hilário Franco Junior, assim como a ordem da numeração de cada hagiografia retratada.

Anexo 1

Santa Inês (24) *

Inês (Agnes] vem de agnus, "cordeiro", porque ela foi doce e humilde como um cordeiro. Ou vem do grego agnos, "piedoso", pois foi cheia de piedade e de misericórdia. Ou vem de agnoscendo, "conhecendo", porque conheceu o caminho da verdade. Segundo Agostinho, a verdade opõe-se à vaidade, à falsidade e à irresolução, três vícios que por sua virtude Inês soube evitar.

1. Inês, virgem de elevadíssima prudência, com a idade de treze anos sofreu a morte e ganhou a vida, segundo testemunho de Ambrósio, que escreveu seu martírio. Contando-se apenas seus anos, era uma criança, mas madura de espírito; de corpo era jovem, mas de alma era velha; de rosto era bela, porém mais bela ainda por sua fé.

Um dia, ao voltar da escola, encontrou o filho do prefeito, que ficou apaixonado por ela. Ele prometeu pedrarias e riquezas imensas se casasse com ele. Inês respondeu-lhe: "Afastese de mim, lar de pecado, alimento de crime, pasto de morte, pois já estou prometida a outro amado" E começou a fazer o elogio desse amante, desse esposo, que tinha as cinco qualidades exigidas pelas esposas: nobreza de raça, beleza deslumbrante, abundância de riquezas, coragem e força, amor verdadeiro. E explicou:

Amo alguém que é muito mais nobre e de melhor linhagem que você. A mãe dele é virgem, seu pai gerou-o sem mulher, tem anjos por servidores; sua beleza é admirada pelo sol e pela lua, suas riquezas nunca diminuem, são inesgotáveis. As emanções de sua pessoa ressuscitam os mortos, seu toque fortalece os enfermos. Quando o amo sou casta, quando me

aproximo dele sou pura, quando o abraço sou virgem. Diga-me, você conhece alguém de generosidade mais eminente, de força mais forte, de aspecto mais belo, de amor mais suave e mais cheio de graça?

Em seguida, ela descreveu os cinco benefícios que seu esposo concedia a ela e a suas outras esposas: ele se compromete com o anel da fé, veste-as e enfeita-as com uma variedade infinita de virtudes, marca-as com o sangue da sua Paixão, prende-as pelo laço do amor e enriquece-as com tesouros da glória celeste. E acrescentou: "Aquele que se comprometeu comigo pelo anel que pôs em minha mão direita, rodeou meu pescoço de pedras preciosas, vestiu-me com um manto tecido de ouro, adornou-me com prodigiosa quantidade de jóias, imprimiu um sinal em meu rosto para que eu não tome nenhum outro amante que não ele, embelezou meu rosto com o sangue do seu. Seus castos abraços já me estreitaram, seu corpo já se uniu ao meu, ele me mostrou tesouros incomparáveis que prometeu me dar se eu lhe for fiel para sempre"

Ao ouvir isso o rapaz ficou fora de si, adoeceu de amor, passou a soltar longos suspiros. Seu pai fez a jovem virgem ficar sabendo disso e ao ouvi-la garantir que não podia violar a aliança jurada a seu primeiro esposo, o prefeito procurou saber quem era esse esposo que Inês se gabava de ter. Alguém lhe assegurou que o esposo de que ela falava era Cristo, e então o prefeito quis dissuadi-la, primeiro por doces palavras, depois pelo temor. Então Inês disse: "O que você quiser fazer, faça, mas não poderá conseguir o que exige". E ria tanto de suas lisonjas quanto de suas ameaças. O prefeito disse-lhe: "Escolha entre duas coisas, se sua virgindade lhe é cara, sacrifique à deusa Vesta⁸ e junte-se às suas virgens, ou então assuma o ofício de

* Na Legenda Áurea, esta hagiografia consta nas páginas 183 a 187.

8

Deusa de culto muito antigo, que parece ter sido introduzido em Roma já na época do fundador da cidade, Rômulo. Divindade do fogo doméstico, ela era considerada a mais casta das deusas, servida por sacerdotisas obrigatoriamente virgens, as vestais meretriz" Ora, como Inês era nobre, ele não podia condená-la assim, por isso alegou contra ela sua qualidade de cristã. Mas Inês respondeu: "Não sacrificarei aos seus deuses, como tampouco serei maculada pelas ações infames de quem quer que seja, porque tenho como guardião de meu corpo um anjo do Senhor"

O prefeito ordenou então que a despissem e a levassem nua ao lupanar. Mas o Senhor tornou seus cabelos tão espessos que ela ficou mais bem coberta por eles do que por sua roupa. E quando entrou naquele lugar infame, encontrou um anjo do Senhor que a esperava e que

encheu o quarto de uma claridade extraordinária, ao mesmo tempo que a cobria com uma túnica de resplandecente brancura. O lugar de prostituição tornou-se assim um lugar de oração, e todo homem saía de lá mais puro do que entrava, graças a essa luz imensa que revestia a todos. Ora, o filho do prefeito foi ao lupanar com outros jovens e instou-os a entrar primeiro. Mal lá puseram os pés, saíram cheios de compunção, assustados com o milagre. Ele os chamou de miseráveis e entrou furioso, mas quando quis se aproximar de Inês, a luz precipitou-se sobre ele, e como não tinha prestado homenagem a Deus, foi estrangulado pelo diabo e expirou.

Diante dessa notícia, o prefeito foi em prantos encontrar Inês e colher informações precisas sobre a causa da morte de seu filho. Inês disse: "Aquele cujas vontades ele queria executar apossou-se dele e o matou, enquanto seus companheiros, impressionados pelo milagre que viram, saíram sem sentir mal algum" Disse o prefeito: "Saberemos que você não usou de artes mágicas se puder ressuscitá-lo". Inês pôs-se a orar, o rapaz ressuscitou e pregou publicamente a fé em Cristo. Em razão disso, os sacerdotes dos templos excitavam o povo gritando: "Levem essa maga, levem essa malfeitora que transforma os espíritos e perde os corações". O prefeito, tendo visto aquele milagre, quis libertá-la, mas temendo a proscricção confiou-a a seu suplente e retirou-se triste por não poder salvá-la. O suplente, que se chamava Aspásio, mandou jogá-la numa grande fogueira, mas a chama, dividindo-se em duas, queimou o povo que estava em volta, sem atingir Inês. Aspásio mandou então enfiar uma espada na garganta dela. Foi assim que Cristo, seu esposo fulgurante de brancura e de vermelhidão, sagrou-a sua esposa e sua mártir. Crê-se que ela sofreu no tempo de Constantino, o Grande, que subiu ao trono no ano 309 do Senhor. Enquanto os cristãos e seus pais prestavam-lhe a última homenagem com alegria, os pagãos cobriam-nos de pedradas.

2. Emerenciana, sua irmã de leite, virgem cheia de santidade apesar de ainda catecúmena, estava ao lado do sepulcro de Inês debatendo com energia com os gentios, quando foi lapidada por eles. Imediatamente ocorreu um terremoto, surgiram relâmpagos e raios que mataram muitos pagãos. Os sobreviventes deixaram de incomodar os cristãos que queriam ir até o túmulo da virgem. O corpo de Emerenciana foi inumado ao lado do de Santa Inês. Oito dias depois, quando seus pais velavam junto ao túmulo, viram um coro de virgens em brilhantes trajes dourados, e no meio delas reconheceram a bem-aventurada Inês, também ricamente vestida, e à sua direita encontrava-se um cordeiro mais deslumbrante ainda. Ela lhes disse: "Não chorem minha morte, ao contrário, rejubilem-se comigo e felicitem-me por eu ocupar um trono de luz com todas as que aqui estão". Em lembrança dessa aparição, é que há uma segunda festa de Santa Inês.

3. Constância, filha de Constantino, estava coberta por uma lepra pavorosa, e quando soube dessa aparição foi ao túmulo de Inês, onde após ter rezado por muito tempo e adormecido, viu a beata, que lhe disse: "Constância, age com constância; logo que você acreditar em Cristo será curada". A essas palavras ela acordou, encontrando-se perfeitamente sadia. Recebeu então o batismo e ergueu uma basílica sobre o corpo de Santa Inês, onde viveu na virgindade e reuniu à sua volta uma multidão de virgens que seguiram seu exemplo.

4. Um homem chamado Paulino, que exercia as funções do sacerdócio na igreja de Santa Inês, experimentou certa vez violentas tentações da carne. Como não queria ofender a Deus, pediu ao soberano pontífice permissão para se casar. Vendo o papa sua bondade e sua simplicidade, deu-lhe um anel no qual estava engastada uma esmeralda e ordenou-lhe que, em seu nome, pedisse a uma imagem da bem-aventurada Inês pintada em sua igreja, permissão para desposá-la. Quando o padre dirigia seu pedido à imagem, esta lhe estendeu o dedo anular e após receber o anel retirou a mão e livrou o padre de suas tentações. Diz-se que o anel ainda continua no dedo da imagem. Mas em alguns textos há uma versão diferente deste episódio. Segundo ela, a igreja da bem-aventurada Inês estava em ruínas, e o papa disse a um padre que queria lhe confiar uma esposa que ele deveria alimentar e da qual deveria cuidar. Para tanto entregou-lhe seu anel e ordenou-lhe que desposasse a imagem de Santa Inês, que de fato estendeu sua mão para receber o anel, confirmando assim o casamento entre a imagem e o padre encarregado de restaurar a igreja na qual se encontrava aquela imagem.

Eis o que diz Ambrósio daquela virgem em seu livro *A virgindade*⁸:

Anciãos, rapazes, crianças, cantem todos loas a ela. Ninguém é mais louvável do que aquele que pode ser louvado por todos. Tantas são as pessoas, tantos são seus panegiristas. Todos exaltam essa mártir. Admirem todos como ela foi capaz de prestar testemunho de Deus quando ainda não podia ser senhora de si em razão de sua idade. Ela comportou-se de maneira a receber de Deus o que um homem não lhe teria confiado, porque o que está acima da natureza é obra do autor da natureza. Com ela começou um novo gênero de martírio, pois ainda não estava preparada para o sofrimento e já estava madura para o triunfo. Ela mal podia combater e já era digna da coroa da vitória. Não estava na idade do juízo mas era mestra em virtude.

⁸ Existe uma edição brasileira desta obra: *A virgindade*, trad. Monjas Beneditinas da Abadia de Santa Maria, Petrópolis, Vozes, I 980 (Os Padres da Igreja, vol. I). A passagem aqui resumida por Jacopo de Varazze está no capítulo I, pp. 31-34 dessa edição. Ambrósio com 43 referências nominais é o quinto autor mais citado por Jacopo de Varazze.

Nenhuma esposa teria dirigido seus passos para o leito do esposo da maneira como fez essa virgem, que se apresentou para o suplício feliz.

O mesmo Ambrósio diz: "Ao desprezar as vantagens de um nascimento ilustre, a bemaventurada Inês mereceu os esplendores do Céu; ao menosprezar o que é objeto do desejo dos homens, casou-se com o rei eterno; ao receber uma morte preciosa por aceitar Cristo, mereceu unir-se a Ele."

Anexo 2

SANTA EUFÊMIA (139) *

O nome Eufêmia deriva de eu, "bom" e femina, "mulher" significando "boa mulher", isto é, útil, honesta e agradável, pois o que se chama de bom tem essas três qualidades. Ela foi útil por sua maneira de viver, honesta pela excelência de seus costumes e agradável a Deus pela contemplação das coisas do Céu. Ou então Eufêmia vem de eufonia, que quer dizer "som agradável" Ora, obtém-se um som agradável de três maneiras: com a voz, como no canto; com cordas, como na cítara; com o ar, como no órgão. A bem-aventurada Eufêmia produziu sons agradáveis a Deus com a voz de sua pregação, com as cordas de suas boas ações e com o sopro de sua devoção interior.

Eufêmia, filha de um senador, vendo as muitas e variadas torturas sofridas pelos cristãos no tempo de Diocleciano, foi até o juiz Prisco e confessou publicamente ser cristã, confortando assim pela firmeza de seu exemplo os corações dos homens. Quando o juiz mandava matar os cristãos um após outro, ordenava que os demais assistissem a fim de que vendo tão cruéis torturas fossem levados pelo terror a imolar aos deuses. Quando ele cruelmente mandou decapitar alguns santos na presença de Eufêmia, que encorajava os mártires, ela passou a gritar que o juiz a ofendia. Este então ficou alegre, e pensando que ela concordava em oferecer sacrifício, perguntou-lhe como a ofendia e ela disse: "Como sou de linhagem nobre, por que você faz com que desconhecidos e estrangeiros cheguem primeiro diante da face de Cristo, alcancem antes a glória prometida?" O juiz: "Eu achava que você havia recuperado seu bom senso e me alegrava que você tivesse lembrado da sua nobreza e de seu sexo."

Ela foi aprisionada e no dia seguinte conduzida até o juiz, mas sem estar amarrada como os outros. Ali se queixou muito amargamente de que, contra as leis dos imperadores, só ela fora dispensada dos grilhões, e então foi duramente espancada e reconduzida à prisão. O juiz seguia e quis violentá-la, mas ela lutou como um homem e por vontade divina uma das mãos dele ficou paralisada. Ele acreditou estar sob o poder de um encantamento, e enviou o prepósito de sua casa até Eufêmia para tentar, à força de muitas promessas, fazê-la consentir. Mas ele encontrou a prisão fechada, não conseguiu abri-la com as chaves nem quebrá-la a machadadas, e por fim possuído pelo demônio fugiu gritando e dilacerando a si mesmo. Mais tarde colocaram Eufêmia sobre uma roda cujos raios estavam cheios de brasas, e combinou-se que o artesão ainda posicionado no meio da roda daria um sinal sonoro quando fosse para pô-la em movimento e assim o fogo consumir o corpo dela. Mas por vontade de Deus a ferramenta que retinha a roda caiu das mãos dele e diante desse som imediatamente os ajudantes começaram a empurrá-la, a roda esmagou o artesão e deixou Eufêmia ileso. Então os pais do artesão, lamentando-se, quiseram pôr fogo na roda, que efetivamente se queimou, mas Eufêmia foi desamarrada por um anjo e colocada incólume em um lugar alto. Apelião disse ao juiz: "A coragem dos cristãos só é vencida pela espada, por isso aconselho mandar decapitá-la". Para pegar Eufêmia do local em que estava foram colocadas escadas, e quando alguém quis esticar a mão para agarrá-la, no mesmo instante ficou completamente paralisado e somente com muita dificuldade conseguiram descê-lo meio morto.

Outro homem, chamado Sóstenes, subiu pela escada e foi imediatamente convertido por Eufêmia, a quem pediu perdão. Ele entregou a espada ao juiz, dizendo que preferia matar-se a tocar uma pessoa defendida pelos anjos. Enfim ela foi descida e o juiz disse a seu chanceler que reunisse todos os jovens libertinos a fim de que se divertissem com ela até que morresse de esgotamento. Mas o primeiro deles ao entrar onde ela estava viu muitas virgens de grande brilho orando em torno dela, e imediatamente se tornou cristão. O juiz mandou suspender a virgem pelos cabelos, e como ela permaneceu inabalável, mandou trancá-la na prisão, proibindo que lhe dessem alimentos para que ao fim de sete dias ela fosse esmagada como uma azeitona entre quatro grandes pedras. Na verdade, ela foi sustentada por um anjo, e no sétimo dia, ao ser colocada entre pedras duríssimas, estas ficaram, com sua prece, reduzidas a pó.

Envergonhado de ser vencido por uma moça, o juiz mandou jogá-la em um fosso onde se encontravam três animais selvagens que poderiam devorar qualquer homem. Mas eles acorreram até a virgem para acariciá-la, e puseram suas caudas juntas de maneira a servir-lhe de assento, o que confundiu ainda mais o juiz que assistia a tudo. O juiz quase morreu de angústia, e o carrasco para vingar a afronta feita a seu senhor enfiou a espada no flanco de

Eufêmia, fazendo dela mártir de Cristo. Para recompensar o carrasco, o juiz vestiu-o com um traje de seda e pôs-lhe ao pescoço um colar de ouro, mas ao sair foi apanhado por um leão que o devorou completamente. Foi com dificuldade que dele se encontraram uns poucos ossos, farrapos das vestes e o colar de ouro. O juiz Prisco foi encontrado morto depois de ter devorado a si mesmo.

Santa Eufêmia foi honrosamente sepultada na Calcedônia, devendo-se a seus méritos a conversão de todos os judeus e pagãos dessa cidade. Ela foi martirizada por volta do ano do Senhor de 280. Ambrósio fala assim dessa virgem em seu prefácio:

A ilustre e triunfante virgem Eufêmia conservou a mitra da virgindade e mereceu receber a coroa do martírio, pois venceu as hostes inimigas, superou seu adversário Prisco, saiu intacta de uma fornalha ardente, reduziu a pó as pedras mais duras, amansou feras, suas orações superaram toda espécie de suplício, e finalmente traspassada pela espada deixou a prisão de sua carne pelos claustros celestes a cujos coros juntou-se com alegria. Que essa virgem sagrada, Senhor, proteja sua Igreja e interceda por nós, pecadores. Que essa virgem ilibada, escrava criada em sua casa, possa apresentar a você nossos votos.

* Na L.A, esta hagiografia consta nas páginas 810 a 812.

Anexo 3

SANTA MARIA EGIPCÍACA (54) *

Maria Egipcíaca, chamada a Pecadora, passou 47 anos no deserto em austera penitência, começada por volta do ano do Senhor de 270, no tempo do imperador Cláudio.

Certa vez, um abade chamado Zózimo atravessou o rio Jordão e percorria um grande deserto procurando um santo eremita, quando viu caminhando uma pessoa nua e de corpo enegrecido pelo sol. Era Maria Egipcíaca, que imediatamente fugiu, com Zózimo correndo atrás dela, por isso perguntou: "Abade Zózimo, por que me persegue? Desculpe-me, não posso mostrar meu rosto porque sou mulher e estou nua; dê-me seu manto para que eu possa olhá-lo sem me envergonhar". Ouvindo ser chamado pelo nome, ele ficou surpreso e depois de dar seu

manto prosternou-se a seus pés e pediu a ela que o abençoasse. Ela disse: "É você, padre, que deve me abençoar, você que é ornado pela dignidade sacerdotal".

Ao perceber que ela sabia seu nome e sua condição, ficou ainda mais impressionado e insistiu para que o abençoasse. Mas ela disse: "Bendito seja Deus, redentor de nossas almas". Enquanto ela orava de mãos estendidas, Zózimo viu que ela tinha se erguido a um côvado⁹ chão. Vendo aquilo, o ancião pôs-se a pensar se não era um espírito que estava fingindo rezar. Então ela disse: "Que Deus o perdoe por ter tomado uma mulher pecadora por um espírito imundo" Zózimo conjurou-a em nome do Senhor a lhe contar sua vida. Ela retorquiu: "Perdoeme, padre, mas se contar minha história você fugirá apavorado, como se visse uma serpente. Seus ouvidos serão maculados por minhas palavras e o ar contaminado por coisas sórdidas". Mas diante da veemente insistência, ela contou:

Nasci no Egito, irmão, e aos doze anos de idade fui para Alexandria, onde durante dezessete anos entreguei-me publicamente à libertinagem e nunca me recusei a quem quer que fosse. Quando alguns homens da região embarcaram para Jerusalém a fim de adorar a Santa Cruz, pedi aos marinheiros que me levassem com eles. Como me pediram para pagar a passagem, respondi: "Não tenho dinheiro, irmãos, mas posso entregar meu corpo como pagamento". Eles me levaram e usaram meu corpo.

Chegando a Jerusalém, fui com as outras pessoas até a igreja para adorar a cruz, mas imediatamente uma força invisível me repeliu e me impediu de entrar. Várias vezes fui até a soleira da porta, e continuava a ser repelida, enquanto todo mundo entrava sem dificuldade e sem encontrar nenhum obstáculo. Pus-me a pensar e concluí que tudo aquilo tinha como causa a enormidade de meus crimes. Comecei a bater no peito com as mãos, a derramar lágrimas amargas, a dar profundos suspiros do fundo do coração e, ao erguer a cabeça, vi uma imagem da bem-aventurada Virgem Maria. Pedi então, com lágrimas, que ela obtivesse o perdão de meus pecados e me deixasse entrar para adorar a Santa Cruz, prometendo renunciar ao mundo e levar, dali em diante, uma vida casta.

Após essa prece, confiando na bem-aventurada Virgem, fui mais uma vez até a porta da igreja, pela qual passei sem o menor obstáculo. Quando terminei de adorar a Santa Cruz com grande devoção, alguém me deu três moedas, com as quais comprei três pães, e ouvi uma voz que me dizia: "Se atravessar o Jordão, estará salva". Atravessei o Jordão e vim para este deserto,

⁹ Conforme nota 5 do capítulo 1.

* Na Legenda Áurea, esta hagiografia consta nas páginas 352 a 354.

no qual fiquei 47 anos sem ter visto homem algum. Os três pães que levei comigo, embora com o tempo tenham se tornado duros como pedras, bastaram para me alimentar por 47 anos, mas minhas roupas há muito tempo apodreceram. Durante os primeiros dezessete anos passados neste deserto fui atormentada pelas tentações da carne, mas hoje já as venci, com a graça de Deus. Agora que contei toda minha história, peço que reze a Deus por mim.

O ancião ajoelhou-se e abençoou a escrava do Senhor. Ela lhe disse: "Peço que no dia da ceia do Senhor você venha para a margem do Jordão e traga o corpo do Senhor. Eu irei encontrá-lo ali e receber de sua mão esse corpo sagrado, porque desde o dia em que vim para cá não recebi a comunhão do Senhor" O ancião voltou para seu mosteiro e no ano seguinte, ao se aproximar o dia da Ceia, pegou o corpo do Senhor e foi até a margem do Jordão. Do outro lado estava de pé uma mulher que fez o sinal-da-cruz sobre as águas e veio ao encontro dele.

Ao ver isso, tomado de surpresa, prosternou-se humildemente a seus pés. Disse ela:

"Não faça isso, pois você carrega os sacramentos do Senhor e tem a dignidade sacerdotal. No entanto, padre, eu suplico que no próximo ano você se digne a me ver novamente no mesmo lugar em que nos encontramos pela primeira vez" Depois de fazer o sinal-da-cruz, ela atravessou de volta as águas do Jordão para ganhar a solidão do seu deserto.

Quanto ao ancião, retornou a seu mosteiro e no ano seguinte foi ao lugar combinado, mas encontrou Maria morta. Pôs-se a chorar e não ousou tocá-la, mas disse consigo mesmo: "Eu sepultaria de bom grado o corpo desta santa, mas temo que isso a desagrade" Enquanto pensava assim, viu as seguintes palavras gravadas na terra, perto da cabeça dela: "Zózimo, enterre o corpo de Maria, devolva à terra sua poeira e ore por mim ao Senhor, por ordem do qual deixei este mundo no segundo dia de abril" Meditando sobre o fato, o ancião concluiu que ela terminara sua vida no deserto, no ano anterior, logo após ter recebido o sacramento do Senhor. Ora, antes de ir para junto de Deus, Maria tinha ido em uma hora do Jordão ao deserto, distância que Zózimo com muita dificuldade levava trinta dias para percorrer.

Vendo um leão que mansamente vinha em sua direção, o ancião disse-lhe: "Esta santa mulher mandou sepultar aqui seu corpo, mas não posso cavar a terra porque sou velho e não tenho ferramentas. Cave você a terra para que possamos sepultar seu santíssimo corpo" O leão

começou a cavar e a fazer uma cova adequada, depois do que foi embora manso como um cordeiro, enquanto o ancião voltava para o seu mosteiro glorificando a Deus.

Anexo 4

SANTA TAÍS (147) *

Taís, meretriz, pelo que se lê nas VIDAS DOS PADRES, era de tão grande beleza que muitos homens por ela venderam tudo que tinham e viram-se reduzidos à maior pobreza. Seus amantes, ciumentos uns dos outros, freqüentemente se entregavam diante de sua porta a discussões que acabavam com derramamento de sangue. Informado disso, o abade Pafúncio pegou uma roupa laica e uma moeda e foi encontrar Taís em uma cidade do Egito, dando-lhe a moeda que era o preço do pecado. Ela aceitou o dinheiro e disse: "Vamos para o quarto." Quando lá entraram, ela o convidou a deitar numa cama coberta por ricos tecidos, e ele disse: "Se houver um quarto mais afastado, vamos para lá" Ela o conduziu a vários outros, e ele sempre falava que temia ser visto. Então ela disse: "Há um quarto onde ninguém entra, mas se você teme a Deus não existe lugar para se esconder."

Quando o velho ouviu isso, perguntou: "Você sabe que há um Deus?" E como ela respondeu que sabia da existência de Deus e de um reino futuro de tormentos aos pecadores, ele disse: "Se conhece essas coisas, por que provoca a perda de tantas almas, leva à condenação não somente a sua mas também a de outros?". Ao ouvir isso ela caiu aos pés do abade Pafúncio e com lágrimas disse: "Eu sei, pai, que há penitência, e confio em obter perdão por meio de suas preces. Peço apenas três horas, e depois disso irei aonde você mandar e farei o que me ordenar." O abade indicou o lugar para onde devia ir, ela juntou o que ganhara com seus pecados, mandou levar para o meio da cidade e na presença de todo o povo pôs fogo naquilo, gritando: "Venham

todos vocês que pecaram comigo, venham ver como vou queimar o que me deram" Os bens valiam quarenta libras de ouro.

Quando ela queimou tudo, dirigiu-se ao lugar que o abade Pafúncio indicara, um mosteiro onde a enclausurou em uma pequena cela cuja porta lacrou com chumbo. Deixou apenas uma pequena janela por onde todo dia davam-lhe um pouco de pão e um pouquinho de água. Quando o ancião ia embora, Taís perguntou: "Onde quer, pai, que eu espalhe a água que a natureza rejeita?". Ele: "Na cela, como você merece". Ela perguntou ainda como devia adorar Deus, e ele respondeu: "Você não é digna de pronunciar o nome de Deus, nem de ter nos lábios o nome da Trindade, como tampouco de elevar suas mãos ao Céu, pois seus lábios estão cheios de iniquidade, suas mãos sujas de imundícies. Fique apenas virada para o Oriente e repita com frequência as palavras: 'Você que me criou, tenha piedade de mim'". Ela ficou reclusa dessa maneira três anos, até que, condoído, o abade Pafúncio foi encontrar o abade Antônio para saber se Deus perdoara os pecados dela.

Ele expôs o caso a Santo Antônio, que convocou seus discípulos e ordenou que cada um de seu lado passasse a noite em vigília e em oração, esperando que Deus revelasse a algum deles a resposta que o abade Pafúncio fora buscar. Eles oraram incessantemente, e o abade Paulo, principal discípulo de Antônio, viu de repente no Céu um leito recoberto de tecidos preciosos vigiado por três virgens cujos rostos resplandeciam. Essas três virgens eram o temor da pena futura que retirara Taís do vício, a vergonha das faltas cometidas que lhe valera o perdão, o amor pela justiça que a conduzira às coisas do Céu. Como Paulo disse que tão grande graça era por Antônio, a voz divina respondeu: "Não é por seu pai Antônio, mas pela meretriz Taís" Pela manhã Paulo relatou a visão, e tendo o abade Pafúncio conhecido a vontade de Deus, retirou-se com alegria.

Chegando ao mosteiro, rompeu o lacre da porta da cela, mas Taís rogou que a deixasse ainda reclusa. Ele disse: "Saia, pois Deus perdoou seus pecados" E ela respondeu: "Tomo Deus por testemunha de que desde minha entrada aqui, fiz de todos os meus pecados um pacote que coloquei diante dos meus olhos, e da mesma forma que o sopro de minha respiração não me deixou, também a visão de meus pecados não deixou meus olhos, e eu chorava constantemente ao considerá-los" O abade Pafúncio disse: "Não é por causa da sua penitência que Deus perdoou seus pecados, mas porque você sempre teve no espírito temor a Ele" Pafúncio foi embora e ela ainda viveu 15 dias antes de repousar em paz.

O abade Efrém também quis converter da mesma maneira outra prostituta, que impudicamente incitou Santo Efrém a pecar, e então ele disse: "Siga-me". Ela o seguiu, e

quando chegaram a um lugar onde havia uma multidão de homens, ele disse: "Fique ali, para que eu me una a você". Ela: "E como posso fazer isso na frente de tanta gente?". Ele: "Se você fica envergonhada pelos homens, não deveria enrubescer ainda mais por seu Criador, que vê o que se passa nas trevas mais espessas?" Ela se retirou, confusa.

* Na Legenda Áurea, esta hagiografia consta nas páginas 845 a 856.